

## A SURPREENDENTE OUSADIA DO PADRE MANUEL BISPO DE NAMPULA

---

*Pe José Luzia Gonçalves\**

**Resumo:** O Padre Manuel Vieira Pinto, como director do Movimento por um Mundo Melhor, teve intervenção de grande impacto, em Portugal, logo após o encerramento do Concílio Vaticano II. Foi o primeiro grande arauto da renovação conciliar. Na ordem interna da Igreja, promovendo os exercícios espirituais dirigidos a todos os extractos do Povo de Deus (bispos, leigos, religiosos e religiosas, seminaristas e padres). Na esfera ad extra, versando as implicações sociais do Evangelho e da doutrina conciliar no âmbito social, político e económico, ficaram famosas as suas palestras na televisão. Já como Bispo de Nampula, arrastou multidões nas conferências de Maio de 1968 no Pavilhão dos Desportos de Lisboa e no Palácio de Cristal do Porto.

Ao chegar a Nampula, em 1967, teve de se confrontar de modo mais imediato do que na metrópole com o problema da guerra colonial e a negação dos direitos do Povo moçambicano, já em armas, à sua legítima autodeterminação. A renovação interna da Igreja, em simultâneo e neste contexto, em clima de *aggiornamento* conciliar, constituíram as duas pedras de toque que cedo o semearam no coração do povo moçambicano, por um lado, e o fizeram alvo da senha colonialista até à sua expulsão nas vésperas da revolução do 25 de Abril, por outro.

Depois da independência de Moçambique, sob o paradigma marxista-leninista, a sua palavra voltou a ouvir-se, sempre com a criatividade e o desassombro de que só a fé profética é capaz.

**Palavras-chave:** evangelização, *aggiornamento*, paz, guerra, desenvolvimento, autodeterminação, direitos humanos, direitos dos povos, profecia.

Foi com íntima alegria que aceitei o convite de testemunhar acerca do Bispo Manuel Vieira Pinto que me ordenou de presbítero na Quinta-Feira Santa de 1975, regressado à diocese após a expulsão que sofrera, exactamente no Domingo de Páscoa do ano anterior (14 de Abril – nas vésperas da Revolução dos Cravos).

---

\* Diocese de Nampula (Moçambique)



Visionário nas palavras, nos gestos, nas atitudes, e como hoje nos acontece com o Papa Francisco, por vezes, inesperada e espontaneamente surpreendente. Ao chegar a Nampula, em Setembro de 1967, mal desembarcado do avião e cumprimentado pelas autoridades e demais fina-flor da sociedade colonial, logo o Padre Manuel<sup>1</sup> quebra o protocolo. Por detrás das filas dos brancos, vislumbrou a multidão do povo negro. Para lá se dirige, por impulso natural. Dos braços

de uma mãe macua, arranca uma criança que ergue em direcção ao sol (como o que esta fotografia exprime).

Nesse instante, reacções espontâneas, mas contraditórias, explodem nos dois campos: os brancos, murmurando em surdina o seu desapontamento; os negros, explodindo em aplausos de alegria. Nunca mais o Bispo Manuel deixaria de contar e recontar – e repetir o gesto – desta sua primeiríssima experiência ao pisar, pela vez primeira, esta terra que seria sua, na longa missão de serviço de 34 anos (1967-2001). Era o paradigma da sua fidelidade pastoral, até ao fim, sobretudo até à proclamação da Independência (25.06.1975). Numa lógica de genuína paixão, acabaria por sofrer uma ignominiosa, mas profética, expulsão pelo poder colonial, cego perante *os sinais dos tempos*, surdo à palavra lúcida do Bispo de Nampula, incapaz de gerir a presença de um profeta da sua envergadura, destemido, atrevido e persistente.

---

<sup>1</sup> Padre Manuel, simplesmente! Durante largos anos assim foi carinhosamente tratado pelos seus amigos e, tal como o seu grande amigo Bispo António Marcelino (cf *Pedaços de vida que geram vida*, Paulinas, Lisboa, Novembro de 2011, p. 19) também nunca usou o adereço de “Dom”, cultivando, na pujança da sua vida pastoral, até o tratamento de “tu” com os seus convivas mais chegados que, assim, experimentavam uma proximidade evangélica muito agradável. E nas visitas pastorais, na ebulição da hora da Independência nacional, em contraposição ao “camarada bispo” com que chegou a ser tratado (bem como os/as outros/as missionários/as), rapidamente surgiu o tratamento evangélico de “Irmão Bispo”. Por isso, ainda hoje sou tratado, muitas vezes, por “Irmão Padre”. Como sabe bem!

## **A SURPREENDENTE OUSADIA DO PADRE MANUEL, BISPO DE NAMPULA**

Quando eu e os meus outros quatro colegas do Seminário dos Olivais (Lisboa) chegámos, em 1968, logo nos surpreendeu a ousadia com que nos confiava o delicado espaço de trabalho que era a Escola de Formação de Professores de Posto Escolar. No contexto da guerra colonial, não haveria, politicamente, ambiente mais sensível do que um aglomerado de gente nova, rapazes à volta dos 16-18 anos, que, em breve, iriam penetrar na extensa rede das escolas de toda a diocese. Nós teremos sido os primeiros missionários portugueses a falar, com os nossos alunos, com a pouca prudência que a reguilice dos nossos 22 anos nos emprestava, das coisas políticas proibidas.

## **VIEIRA PINTO – VISIONÁRIO DE DEUS**

A sua primordial intuição visionária, inconformista e renovadora, *ad intra* e *ad extra ecclesia* (a condição colonial era incontornável) emerge em todos os seus documentos. Na diocese, logo “*em 1968, iniciámos os primeiros encontros pastorais à luz do Concílio e lançámos os primeiros fundamentos da viragem que se impunha*” (Borges, 192). Em Dezembro de 1969, avança com o desafio *A caminho de novas estruturas missionário-pastorais*, apelando aos seus agentes de pastoral, padres e não-padres, a estudarem e a acolherem os ensinamentos conciliares, porque “*são, sobretudo, dinamismos de acção*” (1969).

Documentos como *Das missões à Igreja local* (1972) e *Na linha da renovação missionária* (1973), são claras indicações do seu zelo na ultrapassagem de uma Igreja ainda muito constantiniana, europeia e clerical, rumo a uma Igreja livre de compromissos políticos ambíguos, de rosto africano e onde todos – padres e não-padres – se sentissem membros de pleno direito do Povo de Deus, tendo “*voz para concordar, para discordar, para aconselhar; (...) ultrapassando, de vez, aquelas “crisandades” onde falar compete apenas aos padres e o ouvir aos «seus cristãos»*” (1971).

Cedo se começou a sentir a oposição, dentro e fora da diocese, dos amantes da residual e caduca “*aliança da fé e do império*” (Borges, 1992).

Sentia-se herdeiro do primeiro bispo da Beira (1941-1967), Sebastião Soares de Resende, pioneiro de uma pastoral libertadora. Foi, por

isso, o bispo-bombeiro a quem o Vaticano pediu que, como Administrador Apostólico (Silva, 1979), gerisse a gravíssima situação que se criara, por um lado, com a renúncia, em Janeiro de 1971, do Bispo Manuel Cabral que, devido ao seu excessivo portuguesismo, foi completamente incapaz de se entender com os seus missionários – e por outro, com a expulsão, em Maio, dos Padres Brancos<sup>2</sup> e de Mons. Duarte de Almeida<sup>3</sup>, acumulou o cuidado daquela diocese de Junho de 1971 a Abril de 1972.

A *Mensagem dos presbíteros da Beira* com o seu Administrador Apostólico (15.08.71), espelha bem a gravidade do clima que então ali se gerou. A prisão dos padres do Macúti, Joaquim Sampaio e Fernando Mendes, em Janeiro de 1972, era bem o prenúncio da sua expulsão, de Nampula, em 1974.

A comunicação ao Conselho de Presbíteros de Nampula, *Estamos numa hora da viragem* (1971), seria o grande alarme entre os seus opositores internos na própria diocese:

Vindes numa hora em que o Espírito de Deus sopra com violência (...) uma hora de viragem e por isso mesmo uma hora de desafio. (...) A viragem de que falamos far-se-á ou connosco, ou sem nós, ou contra nós. Seremos capazes de assumir consciente e decididamente as forças mais profundas desta viragem de tal modo que sejamos nós mesmos a promovê-la? Damo-nos conta de que as populações de Moçambique estão rapidamente a tomar posições talvez à margem da Igreja? (Pinto, 1971).

A confrontação decisiva com o poder colonial assentou na opção de libertar a Igreja do que chamou os “binómios da ambiguidade” (Professor-Catequista, Escola-Capela, Administração-Missão, Governo-Igreja) “*que a tornavam mais ou menos cúmplice na difusão da «portugalidade» e na prática da injustiça estrutural do sistema*” (Borges, 1992)<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Os Missionários de África, vulgo Padres Brancos, tinham decidido abandonar a colónia como protesto contra o silêncio dos bispos a respeito da situação política que se vivia.

<sup>3</sup> Soube-se que o Bispo António Ribeiro era o preferido pelo Vaticano. Mas a isso se opôs o governo, pelo que este foi substituir o Bispo Manuel Cabral como auxiliar de Braga e dali rumaria, já no tempo de Marcelo Caetano (1971), para Patriarca de Lisboa.

Mons. Duarte de Almeida, fora, sob o Bispo Sebastião Resende, o director-fundador do jornal *Diário de Moçambique*. A sua venda ao Notícias da Beira, do Eng<sup>o</sup> Jorge Jardim, era uma das “maldades” assacadas ao Bispo Manuel Cabral.

<sup>4</sup> Esta forçada rima “Fala Português, mostra o que és”, lia-se nas portas das escolas e internatos das missões, onde também se poderia ser castigado por ser apanhado a falar a língua materna local, macua, no nosso caso. Estávamos longe do ensino bilingue que hoje já se pratica em Moçambique.

ao abrigo do Acordo Missionário de 1941. Operacionalizando esta via, o Bispo Vieira Pinto derrubava um dos mais capilares veios da portugalização<sup>5</sup>.

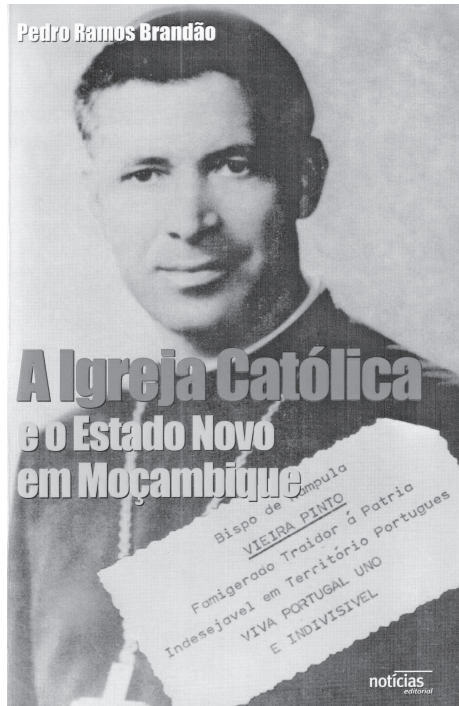
A homilia *Repensar a guerra*, no Dia Mundial da Paz de 1974, e, dias depois, a publicação, com os Missionários Combonianos, de *Um imperativo de consciência* foram a gota de água no copo cheio de raiva do regime.

Neste contexto é difundida, por colonos mais assanhados, em todo o território moçambicano, a fotografia (Brandão, 2004) programática do destino que aguardava o Bispo de Nampula:

Felizmente, o 25 de Abril livrou-o de, às mãos de Marcelo Caetano, ter a mesma sorte do seu mestre, o Bispo do Porto, António Ferreira Gomes, exilado por Salazar.

## NO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Na revolução moçambicana, assumidamente marxista-leninista, Vieira Pinto continua a mostrar a mesma envergadura de profeta e pastor livre e vigilante, particularmente realista, ousado e dialogante (incluindo com o Presidente Samora com o qual procurou manter, pelo menos, um encontro anual<sup>6</sup>); muitas vezes, atrevido, como no caso da contestação dos chamados campos de reeducação que fez questão de visitar.



Bispo de Nampula  
VIEIRA PINTO  
Famigerado Traidor à Pátria  
Indesejável em Território Português  
VIVA PORTUGAL UNO  
E INDIVISÍVEL

<sup>5</sup> Há que advertir que, com tal procedimento de se demarcar do regime colonial vigente, se preparava já a diocese para o que seria o regime laico pós-independência.

<sup>6</sup> Num desses encontros, à surpresa do Presidente que lhe fazia o reparo de, sendo ele bispo, nunca lhe falar da defesa de Deus mas do povo, ele respondeu “um deus que

Não receou entrar no terreno político, porventura até com uma certa ingenuidade, e, a partir daí<sup>7</sup>, apontar comportamentos cívicos e políticos, não só para os seus diocesanos mas para toda a sociedade moçambicana que estava sempre à espera da surpreendente e sempre oportuna, crítica e esclarecedora palavra do Bispo de Nampula.

Alenta os crentes a assumirem a Fé como fonte de ainda maior força de transformação, quais fermentos do tão falado “Homem Novo” da revolução. O verdadeiro Homem Novo é Jesus Cristo. Insiste para que não se caia na tentação do anticomunismo primário. A resposta à crítica marxista da religião, que em jeito dialógico ele permanentemente alimentou com deslumbrante lucidez e aturado estudo intelectual, devia ser dada, parafraseando S. Tiago, com obras, com leais compromissos na reconstrução nacional. E tanto assim foi que, devido à sua entrega generosa e leal, sobretudo nas escolas e nos serviços de saúde, frequentemente, eram os missionários os galardoados, anualmente, com os prémios da paradigmática “emulação socialista”. Bem o indiciam os títulos das pastorais do tempo pós-independência: *Tentações da hora presente* (1975); *Desafios do tempo novo* (1976); *Interpelações da revolução* (1977); *Ateísmo e religião, fé e revolução* (1978); *A coragem da Paz* (1984).

A Igreja do coração deste bispo nunca seria aprisionável em sacristias. Alimentada num coração de Bom Pastor, foi sempre relevante, interveniente, sadio e destemido testemunho como “*sal da terra e luz do mundo*” na trama da história humana, por mais complicada que ela se apresentasse.

Nampula, Junho de 2014.

---

precisasse da minha defesa não seria Deus. Deus não precisa que o defendam. O povo, sim, precisa” (Borges, 1992).

<sup>7</sup> Uma leitura atenta ao contexto, surpreender-nos-á até na maneira como ele se atreveu a utilizar o próprio léxico político revolucionário e catapultá-lo para aquilo que deviam ser os verdadeiros e mais nobres objectivos anunciados pelos políticos (v.g., o Homem Novo), particularmente o surpreendente Presidente Samora Machel.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BORGES, A., (1992). D. Manuel Vieira Pinto – Arcebispo de Nampula, Cristianismo: Política e Mística. Antologia, introdução e notas, Porto, Edições ASA.
- BRANDÃO, P., (2004). A Igreja Católica e o Estado Novo em Moçambique, Editorial Notícias.
- PINTO, D. Manuel Vieira:
- A caminho de novas estruturas missio-pastorais (1969) in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>
  - Mensagem dos presbíteros da Beira (1971), in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>
  - Estamos numa hora da viragem (1971) in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>
  - Das missões à Igreja local (1972) in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>
  - Na linha da renovação missionária (1973), in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>
  - Repensar a guerra (1974), in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>
  - Um imperativo de consciência (1974) in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>
  - Tentações da hora presente (1975), in *A Igreja e o Tempo*, pp. 93-100.
  - Desafios do tempo novo (1976), in *A Igreja e o Tempo*, pp. 135-156.
  - Interpeleções da revolução (1977), in *A Igreja e o Tempo*, pp. 169-211.
  - Ateísmo e religião, fé e revolução, (1978), in <http://arquidiocesedenampula.blogspot.com>.
  - A coragem da Paz (1984) – Figueirinhas, Porto.
- SILVA, J., *A Igreja e o Tempo* (1979). Selecção, Introdução e Notas. Lisboa, Ulmeiro.